

Não que eu pretenda negar que o historiador deva se basear em fatos. Só que ninguém pode acusar Vigo de negligência neste ponto. Vivemos à margem de uma plácida lagoa, abrigada dos ventos, na qual foram lançadas enormes quantidades de restos de naufrágio. Sabemos, melhor que em qualquer época do passado, o que ocorreu em qualquer parte do planeta. Vigo dispõe do material em seus mínimos detalhes. Conhece os fatos e sabe ensinar a seus alunos a arte de valorizá-los. Também nisso aprendi muito com ele.

Quando se trouxe o passado até o presente, reconstruindo-o como as muralhas de cidades cujos próprios nomes já foram esquecidos, pode-se afirmar que se fez um bom trabalho.

Convém advertir que Vigo não introduz sortilégios na história. Ao contrário, nos enfrenta com a incerteza dos sucessos, de modo que deixa abertas as últimas interrogações. Quando dirigimos o olhar para o passado, contemplamos túmulos e ruínas, montes de escombros. Mas somos também vítimas da miragem do tempo: julgamos avançar e progredir, quando na realidade estamos caminhando para o passado. Logo pertenceremos a ele: o tempo passa sobre nós, deixa-nos para trás. Esta tristeza lança sua sombra sobre o historiador. Como pesquisador, é apenas um escavador de tumbas e pergaminhos. Contudo, com a caveira na mão, propõe a pergunta decisiva. O estado de ânimo de Vigo consiste em uma tristeza fundamental e fundamentada; e, como estou convencido de que o mundo é imperfeito, sinto-me atraído por esta linguagem.

Vigo tem um método especial de cruzar o passado em sentido oblíquo, não no sentido cronológico. Seu olhar é mais de jardineiro ou botânico que de caçador. Por isso afirma que nosso parentesco com as plantas tem raízes mais profundas que nosso parentesco com os animais e acha que durante a noite retrocedemos aos bosques e mesmo às algas do mar.

Entre os animais, teria sido a abelha que redescobriu este parentesco. Seu acoplamento com as flores não consistiria nem em avanço nem em retrocesso da evolução, mas uma espécie de supernova, um vivo resplendor do Eros cosmogônico em um instante sideral. Nem ao mais ousado pensamento ocorreria semelhante idéia; o real seria somente o que não se pode inventar.

Acaso espera algo semelhante no âmbito humano?

Como em toda obra realizada, também na sua há mais o implícito que o expressamente formulado. Em sua equação permanece uma incógnita. E isto faz com que se sinta confuso diante dos que julgam — inclusive seus discípulos — que todos os resultados são exatos, sem diferença.

Lembro-me, como se fosse hoje, do dia em que me aproximei dele; foi por causa de um curso sobre as “cidades-plantas”, que se prolongou por dois semestres inteiros. Vigo comparava a dispersão das culturas através de continentes e oceanos, litorais, arquipélagos e oásis com a dispersão das sementes pelo ar ou o arrasto de frutos pelo fluxo e refluxo do mar.

Enquanto falava, Vigo costumava mostrar pequenos objetos ou simplesmente segurá-los — não como provas, mas como suportes do tema de suas palavras: às vezes um simples caco ou um fragmento